

ENTOAR PALAVRAS, HISTÓRIAS E TERRITÓRIOS: PRESENCAS NEGRAS E INDÍGENAS NAS LEITURAS DA INFÂNCIA



Ilustrações Roberta Asse e Manuela Navas

Marcia Licá

marcialica@usp.br

[@marcia_lica_silva](https://www.instagram.com/marcia_lica_silva)

IUNGO/FE-USP/ GEPPEP

Quem Sou: Território é Memória



E território e memórias constituem
nossas infâncias, leituras e literaturas

POR QUE ESTAMOS AQUI HOJE?

Para ampliar e consolidar conhecimentos e práticas voltadas à formação de comunidades leitoras, com ênfase nas presenças negras e indígenas nos acervos literários destinados às infâncias, especialmente no contexto da primeira infância (crianças de 3 a 5 anos).



Ilustração Rodrigo Andrade “Quintal das Irmãs”

- Infância e direito
- Impactos de imagens e textos racistas na formação integral das crianças
- Desvelando as camadas do racismo e os estereótipos presentes nos livros
- Recomendações de presenças negras e indígenas na Educação Infantil

DIREITO À INFÂNCIA É UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

1988 - Constituição garante direitos fundamentais

1990 - ECA- marco legal da infância cidadã

Anos 1990–2000: Inclusão e conectividade

1990 - Brasil assina Convenção sobre Direitos da Criança (ONU)

1996: LDB estrutura o sistema educacional.

2003–2008: Leis 10.639 e 11.645 tornam obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena.

2003: Disque 100 é assumido pelo governo federal.

2014: Marco Civil da Internet.

2015: Eleições para Conselhos Tutelares; Revolta dos Secundaristas.

2017: Lei nº 13.431 estabelece sistema de proteção à criança vítima de violência.

DIREITO À INFÂNCIA É UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa **humana**, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.

(BRASIL, ECA. 1998)



SINGULARIDADE EDUCAÇÃO INDÍGENA

- Constituição Federal de 1988, em especial os Artigos 210, 215, 231, 232
- Lei 6.001/73, que dispõe sobre o Estatuto do Índio.



Ilustração Roberta Asse, livro
Redondeza Daniel Munduruku

PRESENCAS NEGRAS E INDÍGENAS NA LITERATURA :

ARTEFATOS LEGAIS

O ensino sistemático de História e Cultura Afro Brasileira e Africana na Educação Básica, nos termos da Lei 10.639/2003, refere-se, em especial, aos componentes curriculares de Educação Artística, Literatura e História do Brasil.

DCN (2024, p.33)

Nos termos da Lei 11.645/2008 altera a Lei 9.394/1996, modificada pela Lei 10.639/2003, a qual estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-Brasileira e Indígena.

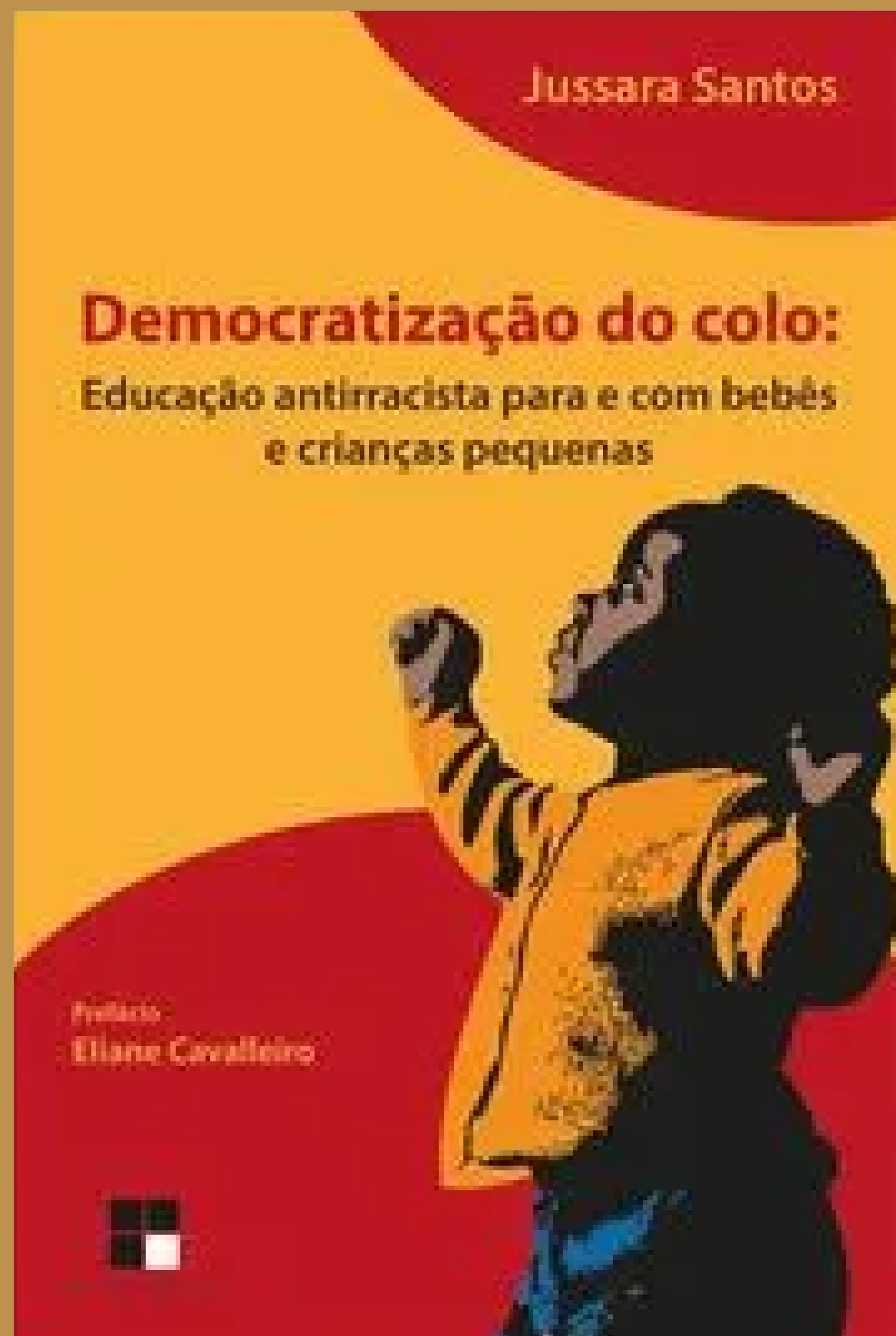
Quando e como o racismo começa?

Estudos indicam que bebês entre 06 a 08 meses de vida reconhecem características raciais e que preconceitos raciais e práticas de discriminação podem ser desenvolvidos entre os 3 e 5 anos de idade nas diversas dinâmicas sociais - por adultos, e entre crianças.

(SANTOS, 2024, p. 14)



Quando e como o racismo começa?



“ Em uma situação de brincadeira de roda, uma menina branca bem pequena, de 2 anos, recusou-se a dar a mão para um colega negro; a criança chorou, saiu de perto e recusou-se a brincar. Quando a professora abaixou e perguntou o que estava acontecendo , ela disse: “ Eu não quero, porque ele vai me sujar”

(SANTOS, 2024, p. 25)

ARMADILHAS DOS ESTERÉÓTIPOS NOS LIVROS?

Texto Livro 1

“xxx morava, não como a maioria dos colegas, vivia sem o pai e sem mãe, a vida toda enredada, um nó, vida de muito dor dó, somente a companhia que tinha era da velha xxx, sua quase avó”

“ No dia, dia sei lá quando, os meninos de olhos verdes perceberam que xxx não era igual na cor, e foram apontando , cada vez que ele passava , e foram logo dizendo que ele sujo, bem sujo, era.

Sujo? Como sujo?

“xxx perguntou dentro do peito, aquilo não era direito, banho tomava sim, e a água caia em seu cabelo carapinha saía como vinha, limpa de tão limpinha...”

(Livro Infantil, 2011
autoria e editora não identificado)

Reflexões

Em qual contexto o personagem é descrito socialmente?

Quem é o feio não declarado presente nesta narrativa?

O que sujeira significa para uma pessoa negra?

Para uma criança negra que escuta a história o que chega primeiro?

ARMADILHAS DOS ESTERÉÓTIPOS NOS LIVROS?

Texto e Imagens Livro 2

PROCURA-SE!

Carlinhos Coelho, o Ladrão de Livros



sa vez, o Carlinhos arranjou uma **BAITA** encrenca.



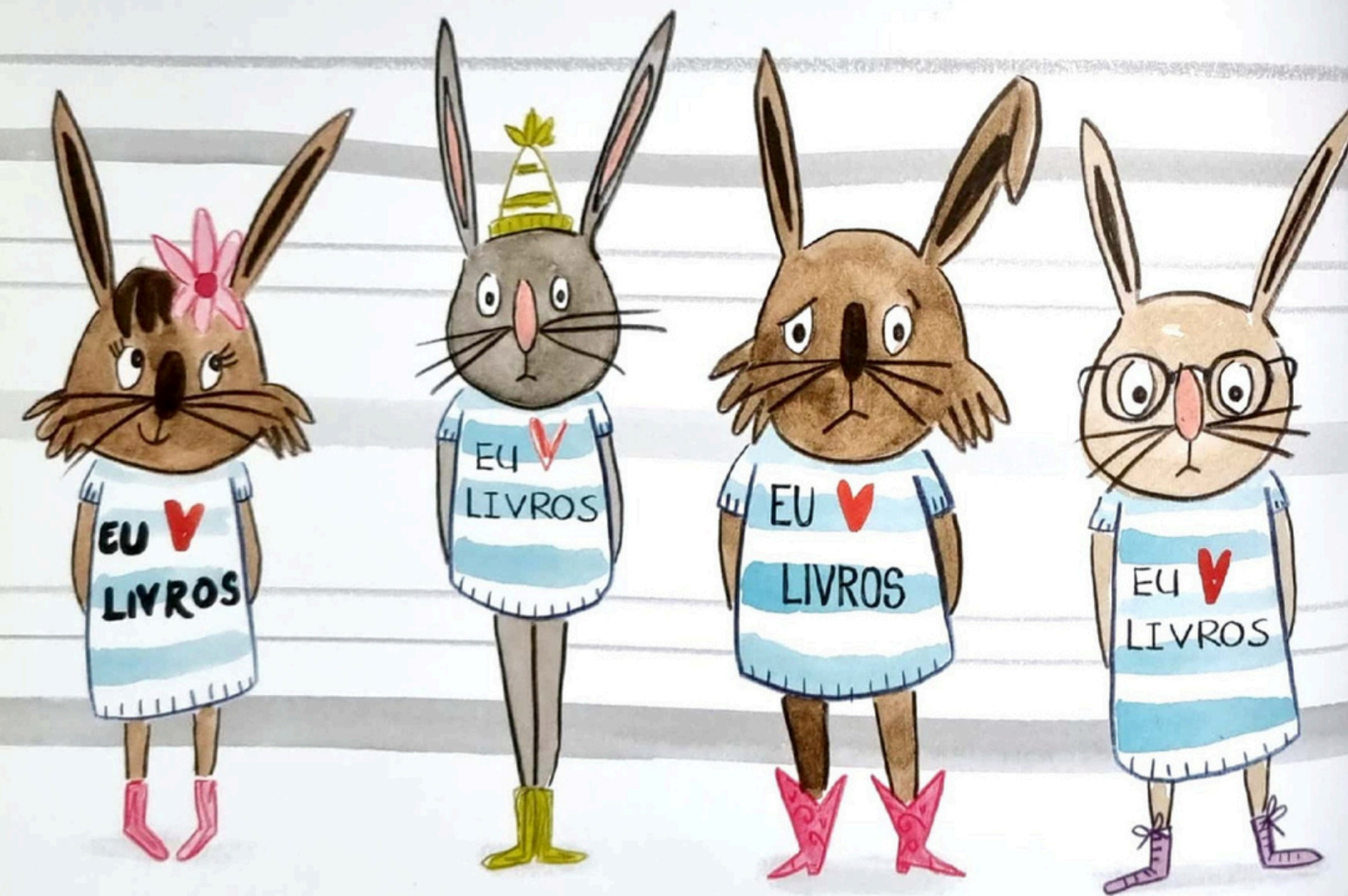
Ele escavou e acabou indo parar na casa do policial Pomposo! ora, ora... o que temos aqui? – disse o Pomposo. oelhinho ladrão de livros? Então, o Arthur tinha razão!



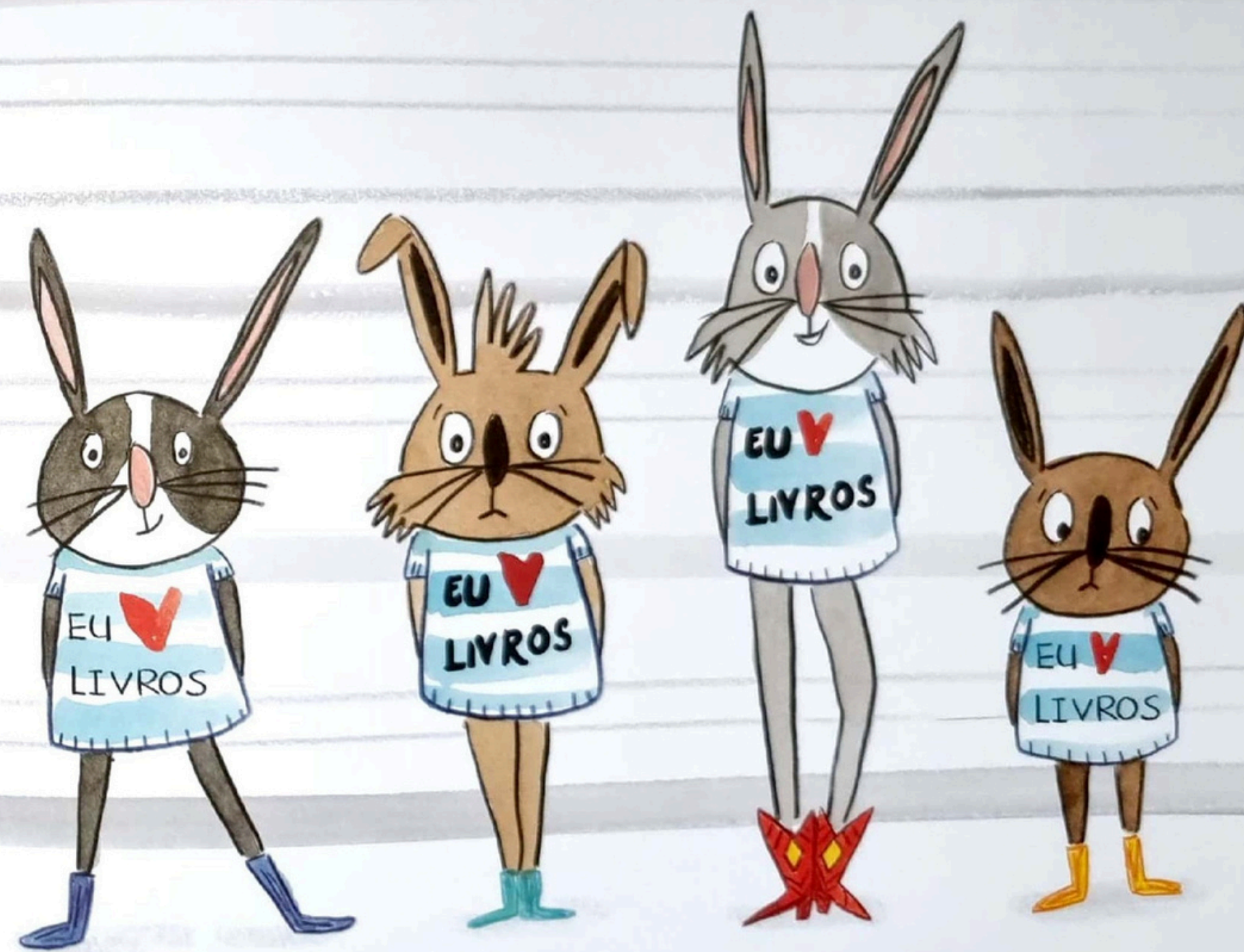
Na mesma hora, o policia para o Arthur e avisou o meliante lendo er – Venha para a delegacia para identificar o coelhinho lad

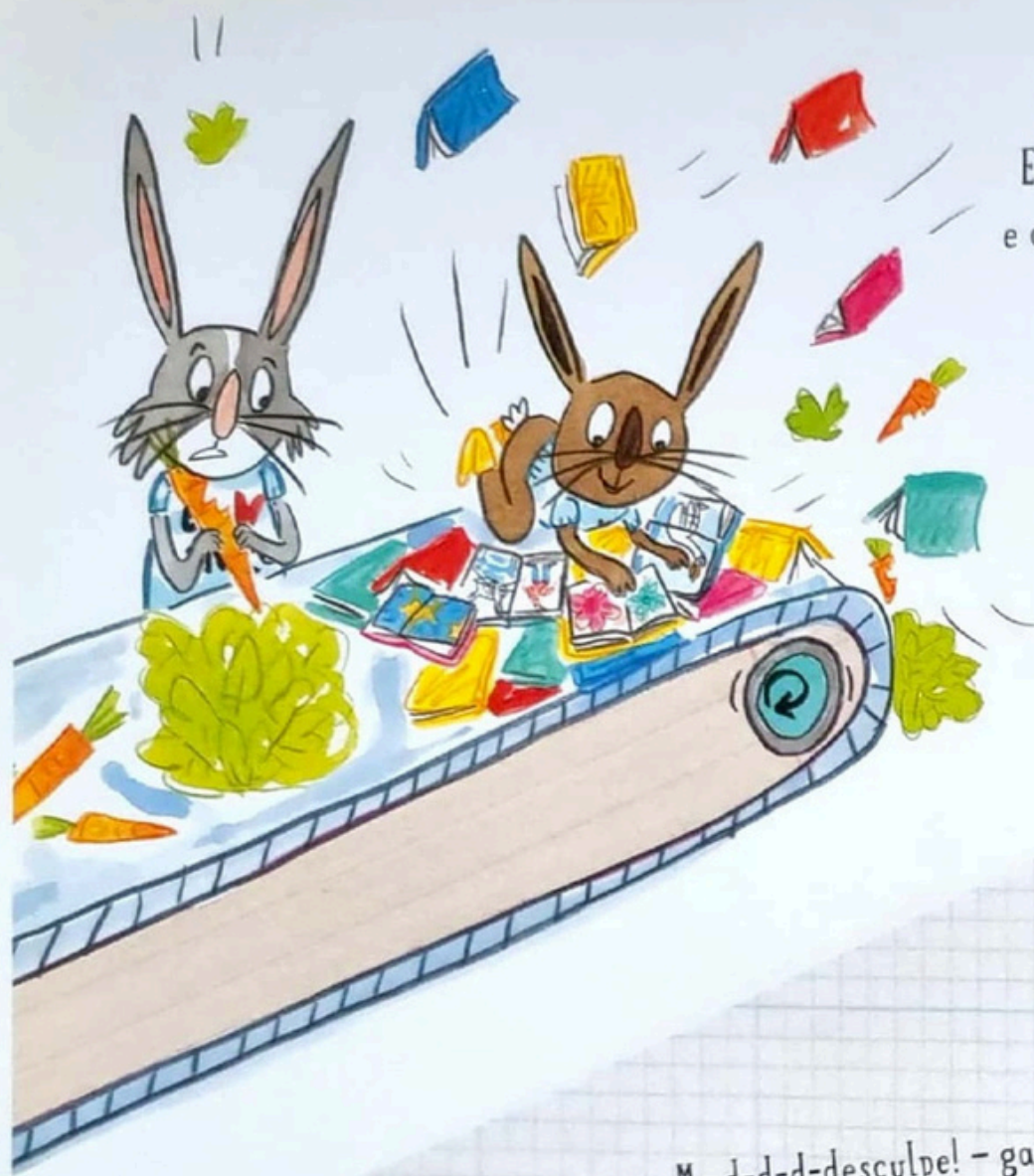
“Moleza!”, pensou o Arthur. “Não devem existir muitos coelhos que usam camisetas com a frase **EU AMO LIVROS** estampada!”

Mas o Arthur estava enganado. Ele nunca tinha visto tantos coelhos,
todos usando camisetas do mesmo tipo!
Aquilo seria mais difícil do que ele tinha imaginado.



Então, o policial Pomposo apertou um grande botão vermelho. Um alarme tocou e...





O Carlinhos não resistiu!
Ele atacou a pilha de livros
e começou a virar as páginas.

- Ahá! Te peguei!
Você está
ENCRENCADO!
- disse o policial Pomposo.

- Me d-d-d-desculpe! - gaguejou o Carlinhos.
- É q-q-q-que eu não c-c-c-consigo enjoar de livros!



- Mas você não pode
sair por aí roubando os livros.
Você vai ter que devolver todos!
- disse o policial Pomposo.

De repente, o Arthur ficou com pena do Carlinhos. O coelhinho tinha se metido naquela
encrenca toda só porque amava livros. Então, o Arthur disse:

- Mas se você quiser muitos e muitos livros **emprestados**,
eu sei exatamente onde você pode pegá-los...



REFLEXÕES

Quem pode ser ser Carlinhos? Inofensivo e esperto (coelho), sua representação a partir das imagens está ligada às quais representações historicamente construídas?

Que perigos “coelho de pele marrom” e postura que se generaliza às demais personagens coelhos, apresenta socialmente?

Quem ensina Carlinhos que não se deve roubar livro?

ARMADILHAS DOS ESTERÉÓTIPOS NOS LIVROS?

Texto livro 3

“ -Qual é neguinho?
“- Como é o Brasil, meu pai?
-É assim como nós, Neguinho. Meio branco, meio pretinho. Meio azul-celeste, meio vermelho da peste, meio amarelo encarnado, e o verde anda meio desbotado, entre o moreno queimado e o mulato assanhado...”

(Livro infantil, 2014
autoria e editora não identificado)

Reflexão

Quais concepções são explicitamente reforçadas no texto?

IMPACTOS DO RACISMO NA INFÂNCIA

Estudos da neurociência e psicologia (neuroimagem), oferecem dados que demonstram que áreas específicas do cérebro, **como o córtex fusiforme e a amígdala**, são ativadas em respostas a estímulos raciais para reações preconceituosas. A partir também de outros autores é possível constatar que o racismo não é apenas um comportamento aprendido, mas um processo enraizado no cérebro humano”

(SANTOS, 2024, p. 25)

*o que nos leva a pensar as camadas mais complexas e implícitas do racismo no cotidiano, nas relações e nas produções literárias

Imagens de Controle

Ancorada nos estudos da intelectual negra estadunidense Patricia Hill Collins, Winnie Bueno argumenta que:

"As imagens de controle são a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são constituídos para que permaneçam no poder. As imagens de controle aplicadas às mulheres negras são baseadas centralmente em estereótipos articulados a partir das categorias de raça e sexualidade, sendo manipulados para conferirem às iniquidades sociorraciais a aparência de naturalidade e inevitabilidade."

(BUENO, 2020, p. 73)

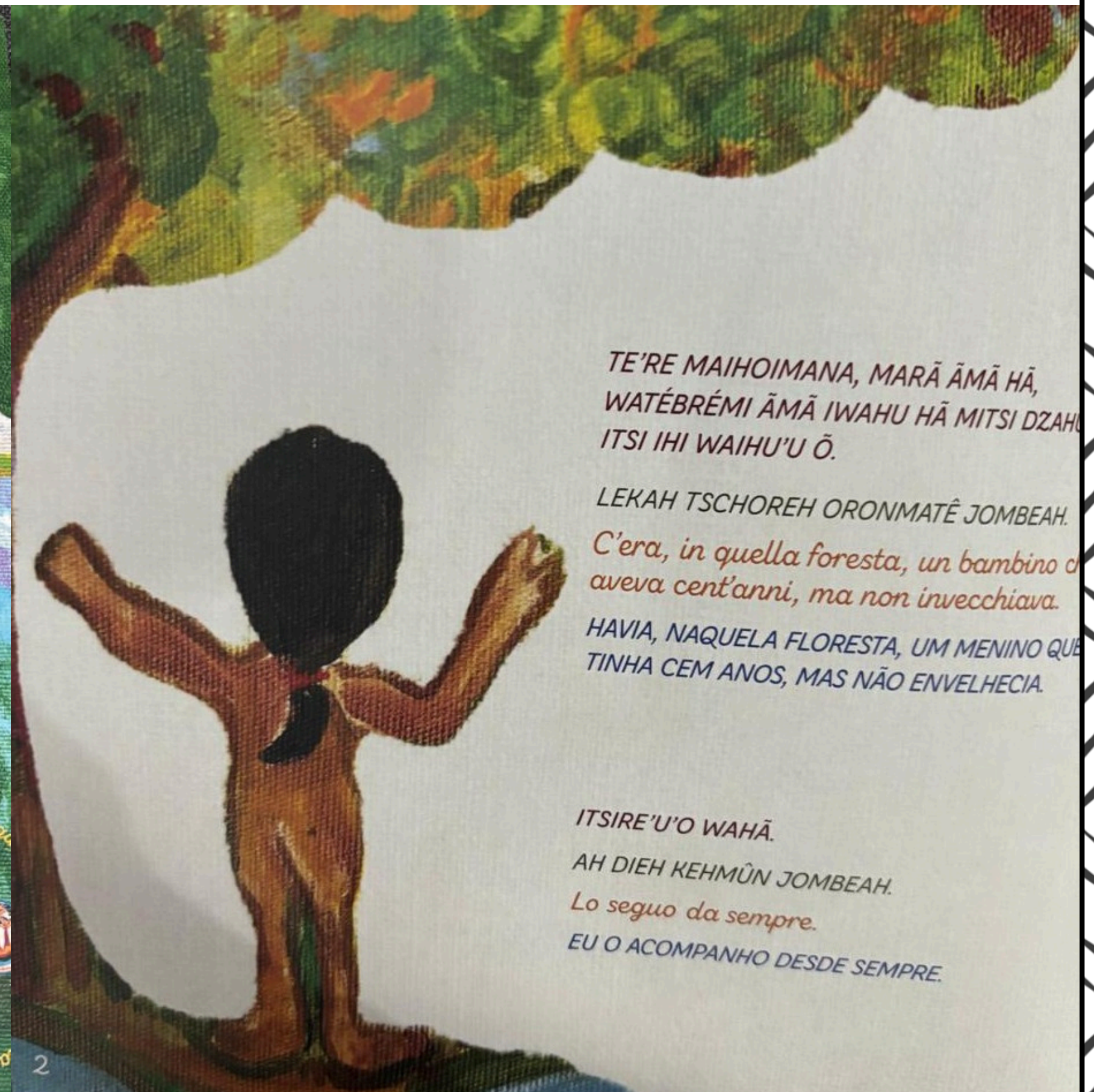
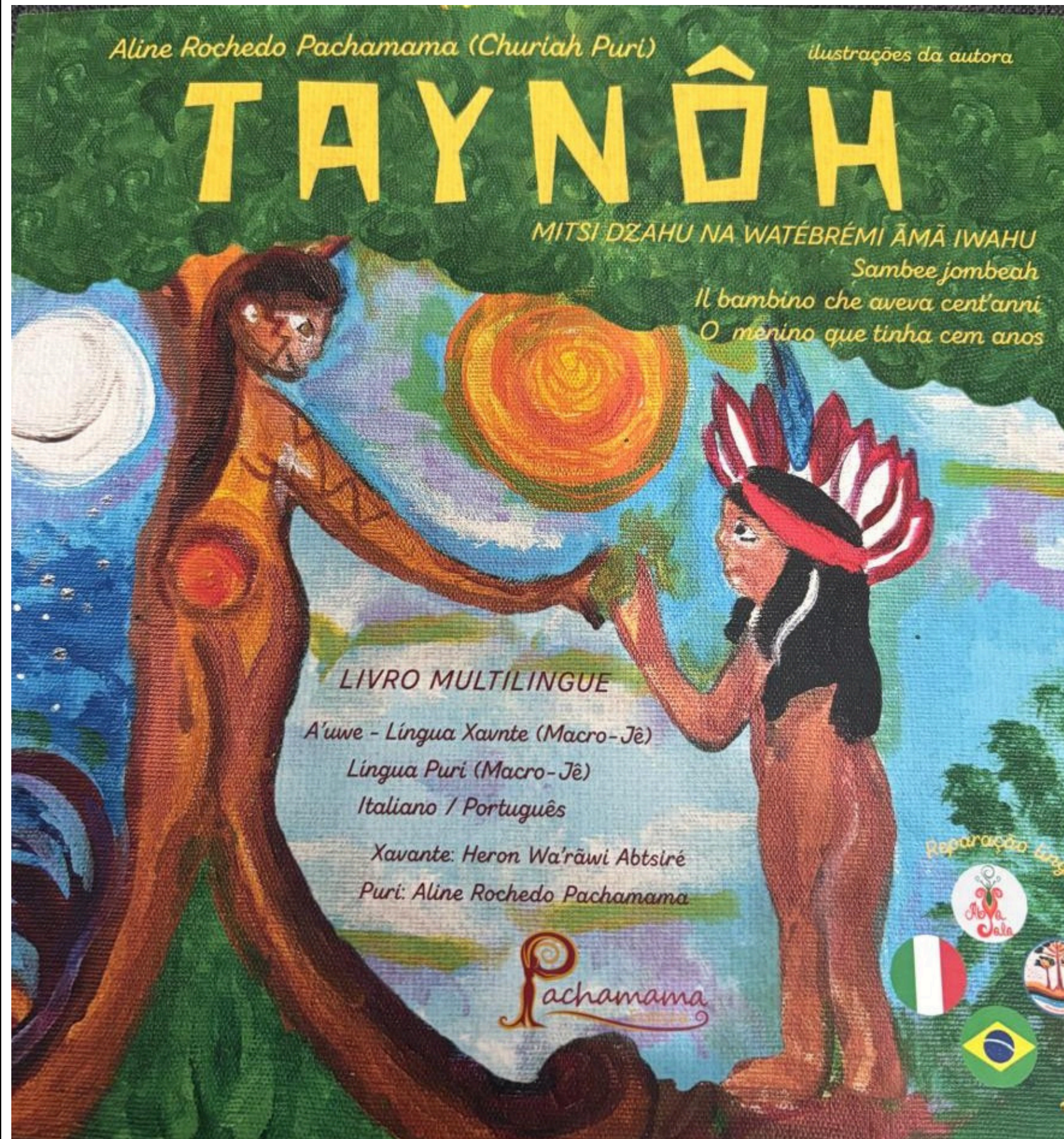
Racismo Estético

O termo estético surge do construto filosófico, social, cultural e de interações complexas subjetivas e coletivas , assim é necessário questionármolos como os “padroes de beleza” têm sido usados reforçar desigualdades sociais e raciais .

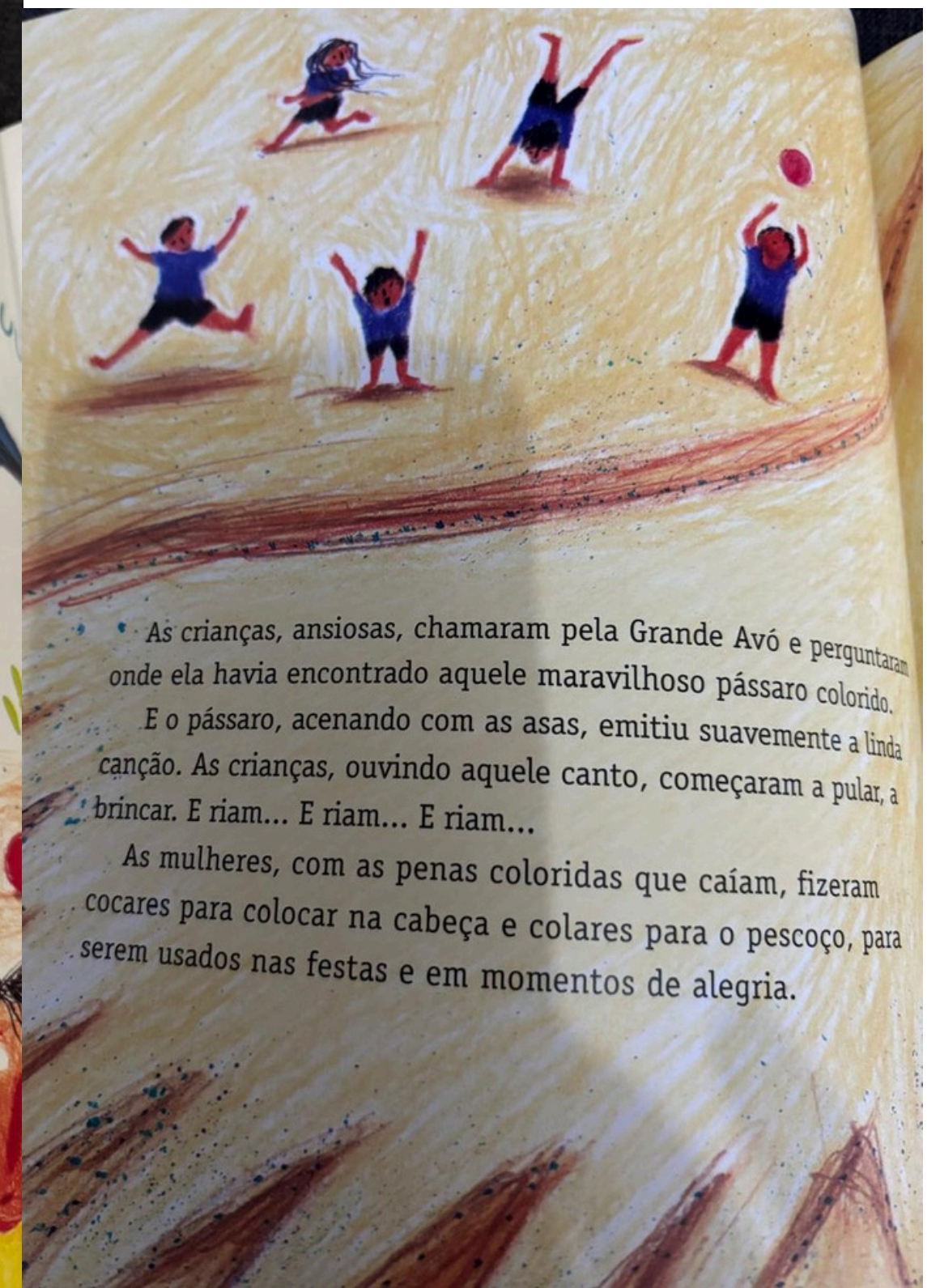
“ Refletir sobre o papel da estética na construção das identidades e das relações de poder, e a de considerar com as noções de beleza e feiura são moldadas por contextos históricos e culturais específicos.Reconhecer essas dinâmicas é essencial para promover uma apreciação mais equitativa e diversificada da estética, que valoriza e celebre as diferenças em vez de perpetuar padrões excludentes e opressivos.

(XAVIER, 2025, P. 32)

Experiências Estéticas Literárias Indígenas



Experiências Estéticas Literárias Indígenas



Experiências Estéticas Literárias Indígenas

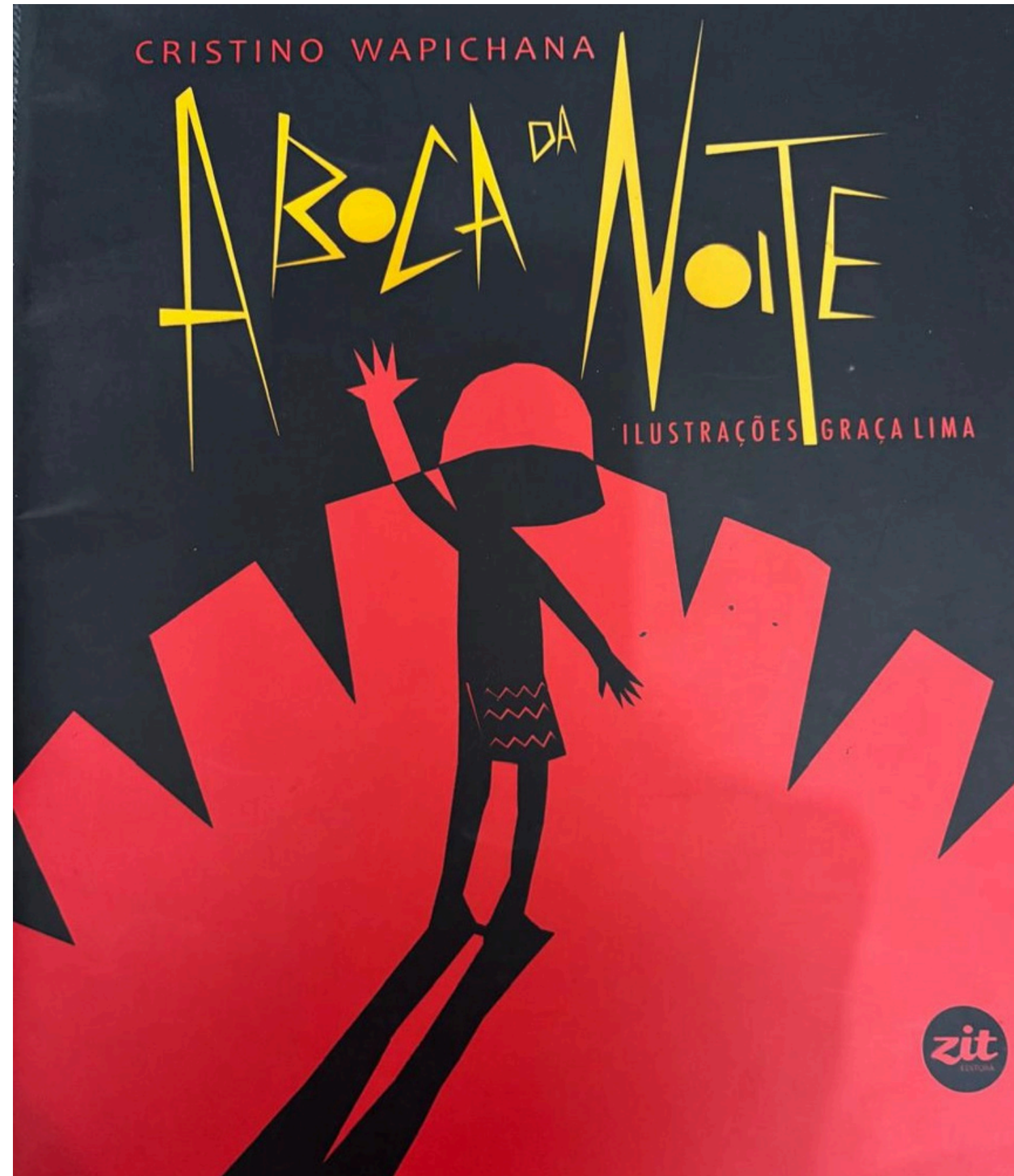


Ilustração livro O passáro encantado de Eliane Potiguara e Aline Abreu, 2014.p 9)



Ilustração livro de Taynôh Aline Pachamana (Churiah Puri), 2024.p 10

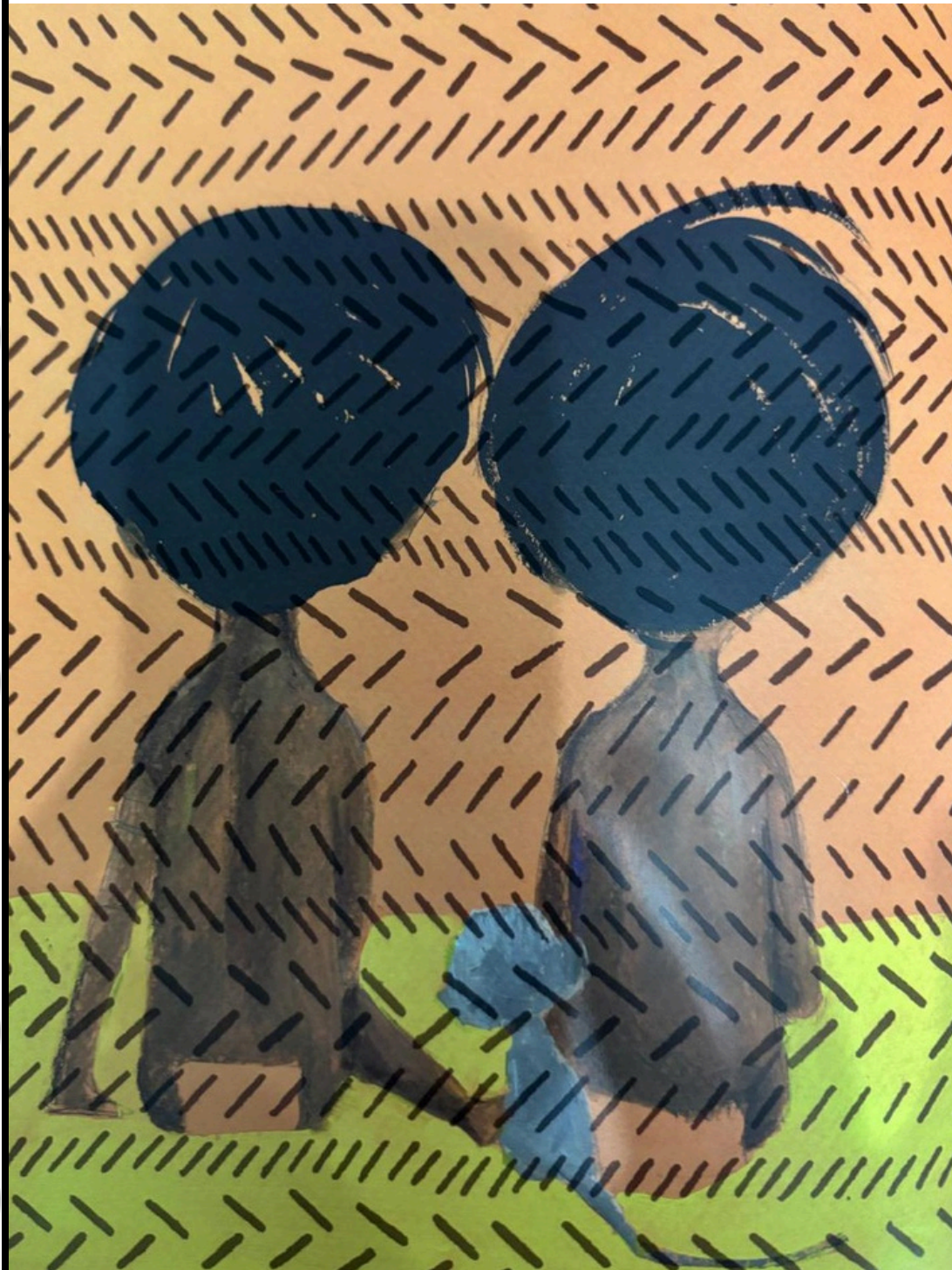
Experiências Estéticas Literárias Indígenas



Os moradores mais antigos do Brasil se dividem em muitos povos – 305 no total, somando quase um milhão de pessoas –, presentes em todos os estados brasileiros. Nós aprendemos a chamá-los pelo mesmo e único nome: “índios”, como se fossem todos iguais. Mas, na verdade, não são; isso é um erro. Cada povo (e não tribo!) tem um modo diferente de ser e de ver o mundo e, assim, cada um deles possui seu nome próprio: povo Yanomami, povo Waimiri-Atroari, povo Munduruku, povo Wapichana e vários outros...

O menino Kupai, personagem principal desta história, muito curioso e inventivo, conta aqui um pouco da infância, da família, do cotidiano e da criatividade do povo Wapichana.

Experiências Estéticas Literárias Indígenas



Após o jantar, papai começou a contar uma história, e justo sobre a Laje do Trovão. Olhei para Dum e ele deu um meio sorriso. Respondi com um sorriso silencioso e lábios fechados. Mas minha cara de riso me denunciava e, se papai visse, o castigo aumentaria. Sabíamos que, se não fosse aquela nossa aventura na laje, papai contaria outra história. Aliás, são várias as histórias de raios que atingiram a Laje do Trovão. Todos tinham medo de subir nela, pois poderia até atrair temporal. Era o que se dizia. Bastava um chuvisquinho de nada pra ninguém se atrever a subir lá, com medo das flechas de raios que desciam do céu.

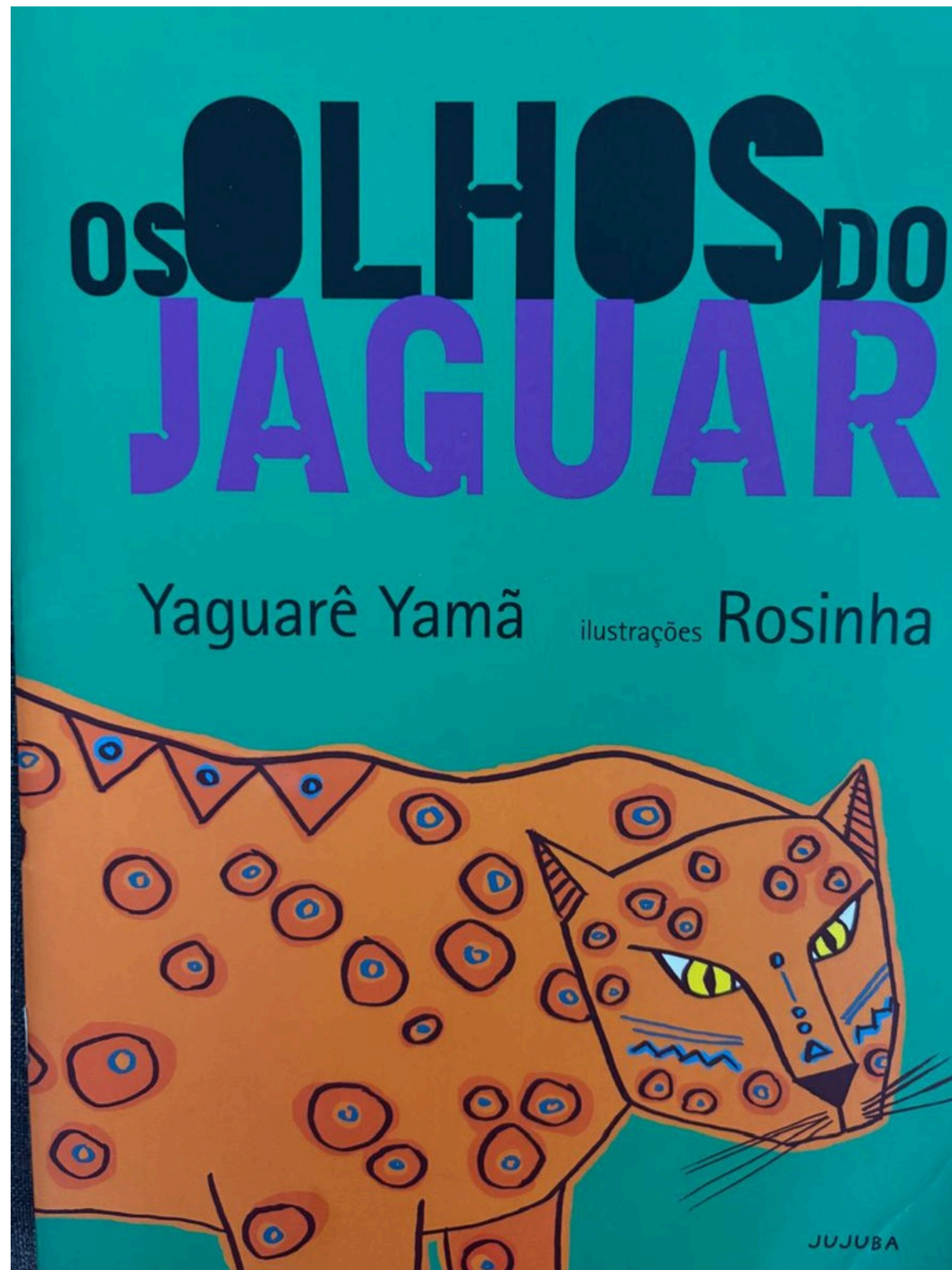
Foi nessa noite que ouvi falar pela primeira vez na “boca da noite”.

Eu nem estava prestando atenção na história que papai contava, mas, quando falou da tal “boca da noite”, tratei logo de acordar todos os meus sentidos que estavam quase dormindo.

Fiquei imaginando como era o corpo da noite... Pois se tem boca, tem que ter cabeça, nariz, orelha, cabelo, braços, pernas, mãos, pés... Será que essas partes são parecidas com as do nosso corpo? Porque, se tem boca, deve haver um corpo!

Livro Boca da noite de Cristino Wapichana e Grça Lima, 2016 , p 11, 14, 15

Experiências Estéticas Literárias Indígenas



Infâncias e leituras

Presenças negras
e indígenas na
literatura infantil

Márcia Licá (organizadora)
Ananda Luz
Carina Pataxó
Juliana Piauí
Magno Rodrigues Faria
Sonia Rosa
Tiago Hakiy


pulo do gato



Márcia Licá (organizadora)
Ananda Luz
Carina Pataxó
Juliana Piauí
Magno Rodrigues Faria
Sonia Rosa
Tiago Hakiy


pulo do gato

Infâncias e leituras

Presenças negras
e indígenas na
literatura infantil

CARINA PATAXÓ, 2024

“Diante do direito da cidadania brasileira e da identidade indígena previsto pela Constituição Federal de 1988, “nasce” a literatura indígena. Os sujeitos indígenas passaram de objeto de enunciado alheio a sujeitos de enunciação do próprio discurso. Passam a apresentar suas identidades conforme suas versões e seus meios. Embora a oralidade seja anterior à escrita, a linguagem escrita passou a ser importante para que estas vozes se pronunciassem.” (p. 86)

Infâncias e leituras: Presenças negras e indígenas na literatura infantil

CARINA PATAXÓ, 2024

“A literatura indígena é um movimento estético-político. (...) Intenta revisar e questionar ideias distorcidas dos séculos de colonização e silenciamento. A escrita passa a ser instrumento de revisão das identidades individuais e coletivas. Escrita que permanece, resiste e independente da performance física. Escrita que chega às pessoas, indígenas ou não indígenas, que representa um espaço de socialização, divulgação das culturas indígenas e demarcação de um território simbólico. Na articulação entre forma e conteúdo, a literatura indígena carrega marcas da oralidade e formas próprias de dizer, de pensar o mundo, de viver com e como natureza.”
(p. 93-94)

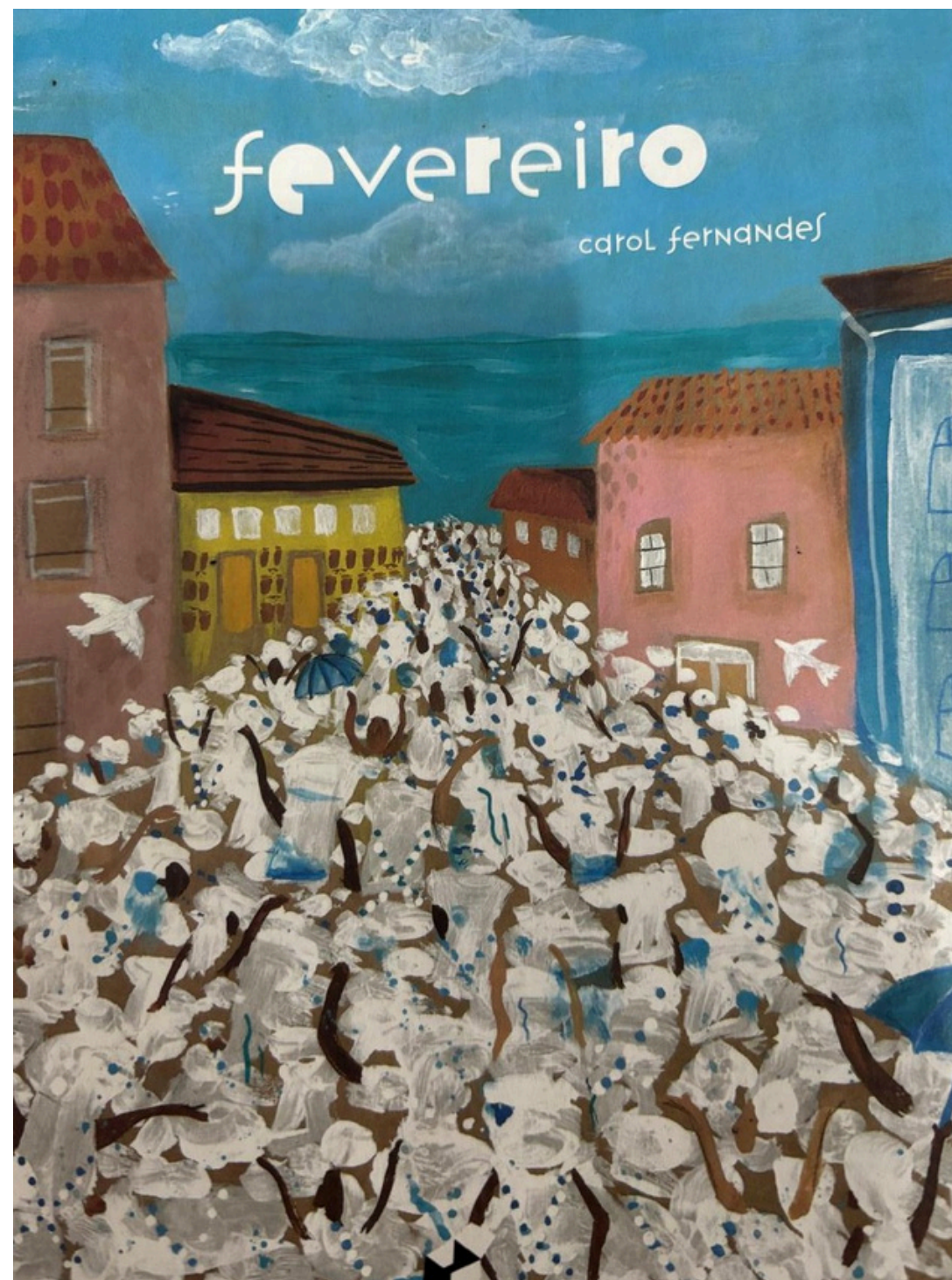
Infâncias e leituras: Presenças negras e indígenas na literatura infantil

Experiências Estéticas Literárias Negras



"Quintal das Irmãs", 2014, p 8

Experiências Estéticas Literárias Negras



EM FEVEREIRO, A VOVÓ
AJEITA UMA TOALHA
NA MINHA CABEÇA,

MESMO MEU CABELO
NÃO ESTANDO MOLHADO.

Livro "Fevereiro, Carol Fernandes, 2023, p, 14 -15

Experiências Estéticas Literárias Negras



As crianças corriam pelo arrozal
com caniços e galhos secos.
Quem os visse rindo e gritando,
diria que era mais uma brincadeira.

Mas a aparência de diversão
se desfazia quando o pai falava:
“Meninos, meninos, não deixem
o chupim levar o arroz, meninos”.

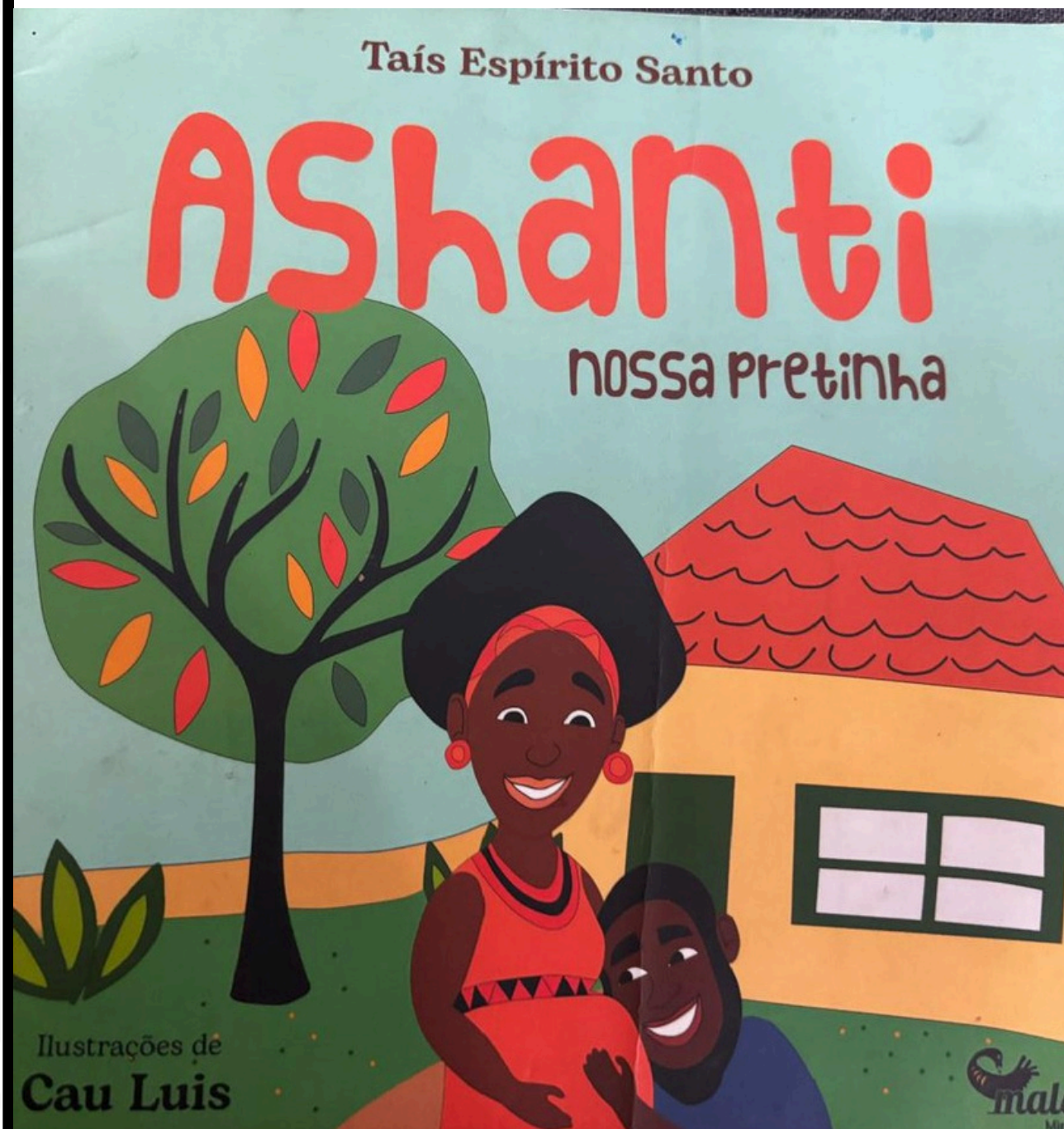
“Então a praga é o chupim?
Mas que mal pode fazer um
passarinho?”, pensou Julim.

Ele balançava o seu galho bem
devagarinho para não os assustar.



“Menino, menino”, a voz do pai chamou
pela casa antes do sol nascer.
Era um convite para o despertar.

Experiências Estéticas Literárias Negras



Publicado em 2021, p. 2, 6

SÔNIA ROSA , 2024

“Por que é tão urgente a representatividade negra na literatura infantil? A resposta é simples e complexa: para formar crianças. Explico: os livros formam mentalidades. E, ao longo da história da literatura para as infâncias no Brasil, os livros, em sua maioria, apresentavam narrativas que não contemplavam ou respeitavam o personagem negro, quer ele fosse uma criança ou um adulto. Eram apresentadas, abordagens preconceituosas, estereotipadas, desumanizadas....

No entanto, escrever a própria existência preta, preferencialmente em primeira pessoa, rompe com um “paradigma sagrado”, ficcional, de um jeito clássico (leia-de branco) de fazer literatura...

(p. 29-31)

Infâncias e leituras: Presenças negras e indígenas na literatura infantil

Literatura Indígena e Negra para as Infâncias : Considerações

- Outras perspectivas estéticas - textual - visual
- Processo autoral negra e indígena e visão de mundo
- Que não subestimam a compreensão das crianças
- Especificidades étnicas-culturais
- Personagens indígenas e negras em condições de humanidade e não subalternidade em diferentes contextos sócio-culturais
- Valorização multilinguismo
- Crianças indígenas e negras em potência, contexto de riqueza material e imaterial
- Circularidade e especificidades étnicas - outro tempos, pensamento circular nas narrativas
- Compreensão de narrativas e imagens que trazem modo de ser, viver, relação com a natureza, animais e espiritualidade



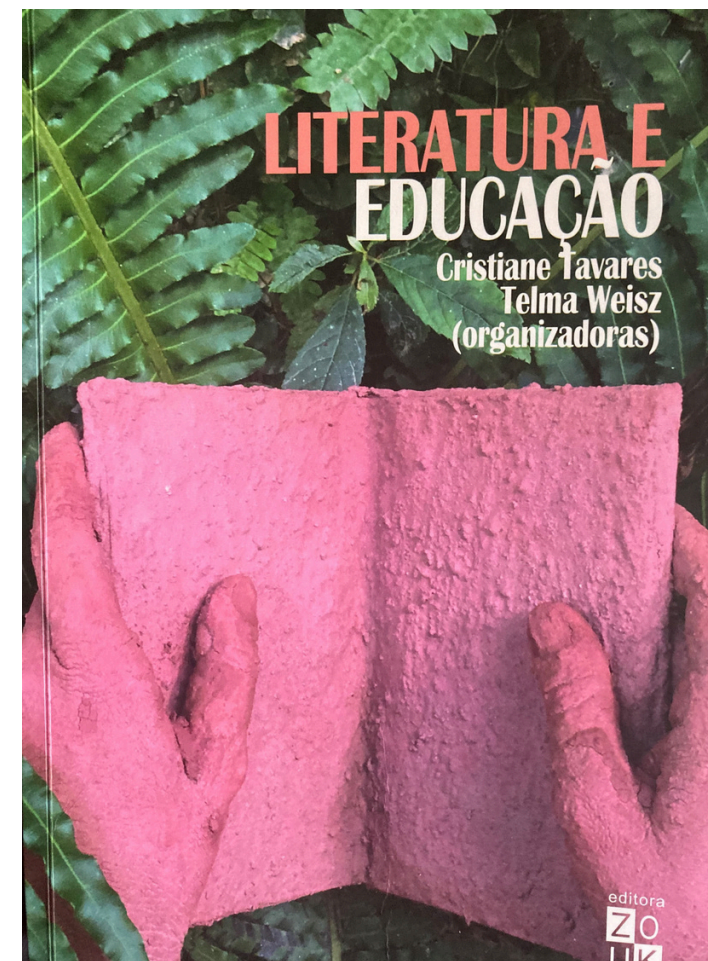
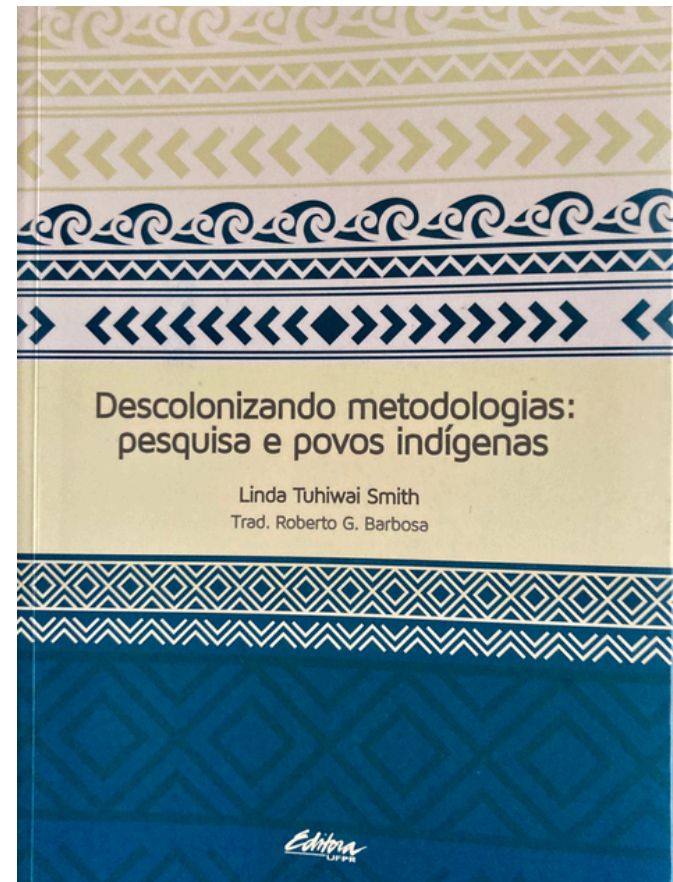
NOSSOS ELOS: POPULAÇÕES NEGRAS E POVOS INDÍGENAS

“ Confluência é quando os rios se juntam sem deixar de ser o que são.
Não é mistura, é respeito na junção.”

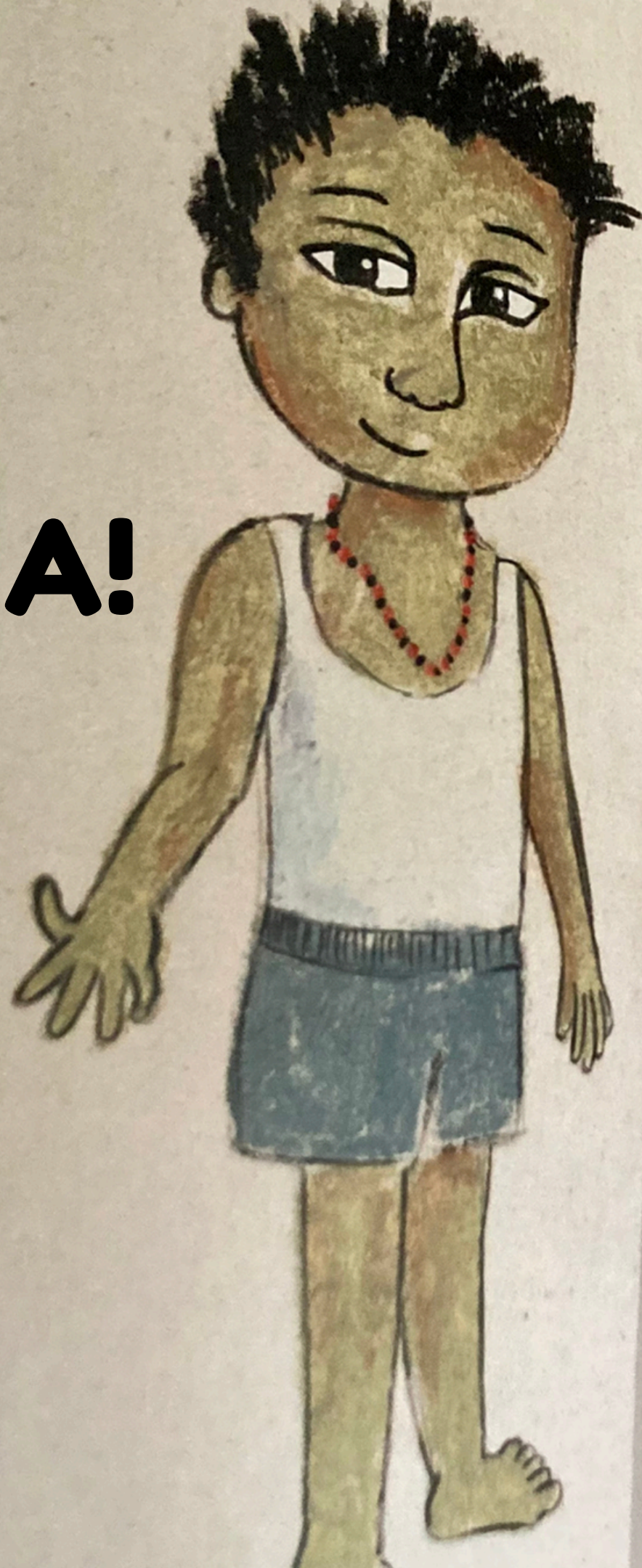


Nosso elo é ancestral na luta contra a colonização e tentativa de apagamento de nossas existências e saberes, epistemologias, tecnologias e marcos ancestrais de humanidade e existência com a natureza e todos os seres vivos ... Somos Começo, Meio e Começo

OUTRAS REFERÊNCIAS



OBRIGADA!



VEM! VEM VER NOSSO LUGAR.